



## RESENHA CRÍTICA DE ARTIGO OU LIVRO

**Título do Livro Original:** *Mulheres na Ciência: O que mudou e o que ainda precisamos mudar*

**Edição:** 1.<sup>a</sup> edição. Oficina Raquel. Rio de Janeiro - RJ. 2024.

**ISBN:** 978-85-9500-109-1

**Autores Originais do Livro:** Leticia de Oliveira, Tatiana Roque

---

### Título da Resenha: Ciência com Equidade: Avanços e Desafios das Mulheres na Academia

**Autores da Resenha:** Millene Cristina de Oliveira da Silva<sup>1</sup>; Tatiana de Almeida Simão<sup>2</sup>, Bruno Ricardo Barreto Pires<sup>1</sup>

✉ [brunoricardopires@gmail.com](mailto:brunoricardopires@gmail.com)

1. Departamento de Biofísica e Biometria (DBB), Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG) - UERJ.
2. Laboratório de Genômica e Biomarcadores de Tumor (LabGBT), Departamento de Bioquímica, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG) - UERJ.

---

**Histórico do Artigo:** O autor detém os direitos autorais deste artigo.

Recebido em: 26 de março de 2026

Aceito em: 27 de maio de 2026

Publicado em: 31 de agosto de 2026

---

**Resumo:** A presente resenha analisa criticamente a obra coletiva *Mulheres na Ciência: O que mudou e o que ainda precisamos mudar*, organizada pelas professoras Leticia de Oliveira e Tatiana Roque e publicada pela Editora Oficina Raquel em 2024. O volume reúne onze pesquisadoras brasileiras de instituições de reconhecida excelência acadêmica, como UFF, UFRJ, UFRGS, CEFET-RJ, UFMG e UERJ, e oferece um diagnóstico rigoroso das desigualdades de gênero e raça na ciência brasileira, articulando dados empíricos atualizados, fundamentação teórica interdisciplinar e proposições concretas voltadas à promoção de mudanças institucionais e ao fortalecimento de políticas públicas. A resenha destaca as virtudes analíticas da obra, especialmente sua consistente ancoragem nos dados do CNPq, seu diálogo com a literatura internacional e sua abordagem interseccional, ao mesmo tempo em que aponta algumas limitações reconhecidas pelas próprias autoras, as quais evidenciam a complexidade e a natureza dinâmica do tema, em vez de comprometerem a qualidade da obra. Conclui-se que o livro representa uma contribuição original e indispensável ao debate nacional sobre equidade científica, comparável, pela abrangência de seu diagnóstico, a obras referenciais internacionais como *Invisible Women* (CRIADO-PEREZ, 2019) e *Inferior* (SAINI, 2017), distinguindo-se, contudo, pela especificidade do olhar sobre o sistema brasileiro de ciência, tecnologia e inovação e por apresentar propostas concretas capazes de subsidiar transformações institucionais e orientar a formulação de políticas científicas mais equitativas.

**Palavras-chave:** Equidade de Gênero, Ciência Brasileira, Desigualdade Racial, Viés Implícito, Políticas Científicas.

---

### Science with Equity: Advances and Challenges of Women in Academia

**Abstract:** This review critically examines the collective work *Women in Science: What Changed and What We Still Need to Change*, edited by professors Leticia de Oliveira and Tatiana Roque and published by Editora Oficina Raquel in 2024. The volume brings together eleven Brazilian researchers from academically prestigious institutions, UFF, UFRJ, UFRGS, CEFET-RJ, UFMG, and UERJ, and offers a rigorous diagnosis of gender and racial inequalities in Brazilian science, combining up-to-date empirical data, interdisciplinary theoretical foundations, and concrete institutional policy proposals. The review highlights the work's analytical strengths, particularly its grounding in CNPq data, its productive dialogue with international literature, and its intersectional approach, while noting the limitations that the authors themselves acknowledge with intellectual honesty. It is argued that the book constitutes an original and indispensable contribution to the national debate on scientific equity, comparable in the breadth of its diagnostic scope to international reference works such as *Invisible Women* (CRIADO-PEREZ, 2019) and *Inferior* (SAINI, 2017), yet distinguished by its specific focus on the Brazilian science and technology system and the propositional dimension of its argumentation.

**Keywords:** Gender Equity, Brazilian Science, Racial Inequality, Implicit Bias, Science Policy.

---

## Ciencia con Equidad: Avances y Desafios de las Mujeres en la Academia

**Resumen:** La presente reseña analiza críticamente la obra colectiva *Mujeres en la Ciencia: Lo que cambió y lo que todavía necesitamos cambiar*, organizada por las profesoras Leticia de Oliveira y Tatiana Roque y publicada por Editora Oficina Raquel en 2024. El volumen reúne a once investigadoras brasileñas de instituciones de reconocida excelencia académica, UFF, UFRJ, UFRGS, CEFET-RJ, UFMG y UERJ, y ofrece un diagnóstico riguroso de las desigualdades de género y raza en la ciencia brasileña, articulando datos empíricos actualizados, fundamentación teórica interdisciplinaria y proposiciones concretas de cambios institucionales y políticas públicas. La reseña destaca las virtudes analíticas de la obra, especialmente su anclaje en los datos del CNPq, su diálogo productivo con la literatura internacional y su enfoque interseccional, al tiempo que señala las limitaciones que las propias autoras reconocen con honestidad intelectual. Se concluye que el libro representa una contribución original e indispensable al debate nacional sobre equidad científica, comparable, en la amplitud de su alcance diagnóstico, a obras referenciales internacionales como *Invisible Women* (CRIADO-PEREZ, 2019) e *Inferior* (SAINI, 2017), distinguiéndose, no obstante, por la especificidad de su mirada sobre el sistema brasileño de ciencia, tecnología e innovación y por la dimensión propositiva de su argumentación.

**Palabras clave:** Equidad De Género; Ciencia Brasileña; Desigualdad Racial; Sesgo Implícito; Políticas Científicas.

---

## INTRODUÇÃO

A questão da equidade de gênero na ciência tem ocupado um lugar crescente tanto no debate acadêmico internacional quanto na formulação de políticas públicas e institucionais voltadas ao fortalecimento da pesquisa científica (SCHIEBINGER, 2001). No Brasil, o tema ganhou contornos particulares com a expansão do sistema universitário promovida pelas políticas de ação afirmativa e pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que transformaram radicalmente o perfil discente no ensino superior ao longo dos anos 2000 (RISTOFF, 2014; LIMA, 2013). Apesar desses avanços, a maior democratização do acesso à universidade não foi acompanhada de mudanças equivalentes na ocupação dos espaços de liderança e de tomada de decisão no ambiente acadêmico, contexto no qual se insere a obra coletiva *Mulheres na Ciência: O que mudou e o que ainda precisamos mudar* (OLIVEIRA; ROQUE, 2024), organizada pelas professoras Leticia de Oliveira (UFF/University College London) e Tatiana Roque (UFRJ).

O livro reúne onze pesquisadoras de instituições de excelência e apresenta contribuições de diferentes áreas do conhecimento, da neurociência à história da ciência, passando pela biologia molecular, pela comunicação social e pelas relações étnico-raciais. A diversidade das formações das autoras constitui um dos principais diferenciais da obra, pois fortalece sua proposta interdisciplinar e evidencia que a compreensão das desigualdades de gênero e raça na ciência brasileira exige múltiplas perspectivas teóricas e metodológicas.

A tese organizadora do volume pode ser assim sintetizada: embora as mulheres representem atualmente a maioria entre mestres e doutores no Brasil (55,42% em 2023, segundo dados da Plataforma Lattes do CNPq), persistem barreiras estruturais que dificultam sua progressão na carreira científica e se manifestam nos fenômenos conhecidos como "teto de vidro" e "efeito tesoura", limitando o acesso feminino a posições de prestígio e poder na carreira científica. Entretanto, a obra ultrapassa a simples caracterização desse cenário ao articular evidências empíricas, fundamentos teóricos e propostas voltadas à implementação de mudanças institucionais e ao aperfeiçoamento das políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação.

Esta resenha tem como objetivo analisar criticamente a consistência dos argumentos apresentados, a solidez das evidências mobilizadas e a contribuição da obra para o debate contemporâneo sobre equidade de gênero na ciência brasileira, tomando como referência comparativa algumas das principais obras internacionais dedicadas ao tema.

## DESENVOLVIMENTO

A opção de abrir o volume com uma entrevista, e não com um artigo acadêmico convencional, revela uma escolha editorial inteligente e estrategicamente acertada, ao conferir maior dinamismo à abertura da obra e aproximar o leitor do contexto histórico em que se consolidaram as discussões sobre gênero e ciência no Brasil. O primeiro capítulo, conduzido por Tatiana Roque com a economista Hildete Pereira de Melo (UFF), pesquisadora pioneira nos estudos de gênero e ciência no Brasil desde os anos 1990, confere à obra um fio histórico que ancora os capítulos seguintes. A memória institucional de Melo, que participou diretamente da criação do Programa Mulher e Ciência (PMC), em 2005, oferece ao leitor um relato privilegiado de quem acompanhou e participou da formulação de políticas públicas voltadas à redução das desigualdades de gênero na pesquisa científica brasileira, conferindo legitimidade histórica às discussões apresentadas ao longo do livro. A observação de que "as carreiras científicas, para as mulheres, são as carreiras da menopausa", embora apresentada em tom provocativo, sintetiza com precisão a interseção entre o ciclo reprodutivo e a cronologia da carreira que o livro vai explorar nos capítulos seguintes.

O segundo capítulo, de autoria de Tatiana Roque, constitui o eixo teórico-analítico central da obra e é, sem dúvida um de seus capítulos mais consistentes e abrangentes. Apoiando-se na tripartição proposta pela historiadora da ciência Londa Schiebinger, que

organiza os estudos sobre equidade de gênero nas ciências em torno da representatividade, da cultura científica e do viés epistemológico (SCHIEBINGER, 2001), Roque oferece uma radiografia minuciosa da situação atual, fundamentada em dados de fontes primárias e de reconhecida credibilidade, como o CNPq, Capes, GEMAA e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A adoção desse referencial confere unidade conceitual ao capítulo e permite articular, de forma coerente, diferentes dimensões da desigualdade de gênero na ciência, evitando interpretações reducionistas baseadas exclusivamente na sub-representação feminina. Este capítulo coloca o livro em diálogo produtivo com obras referenciais do campo. Angela Saini, em *Inferior: How Science Got Women Wrong and the New Research That's Rewriting the Story* (SAINI, 2017), trabalho de ampla circulação internacional, documenta como a produção científica em áreas como a biologia e a medicina foi historicamente distorcida por vieses de gênero. Entretanto, enquanto Saini concentra sua análise na desconstrução de paradigmas científicos historicamente consolidados, Roque direciona sua atenção às estruturas institucionais que sustentam as desigualdades na ciência brasileira, oferecendo uma abordagem mais diretamente aplicada ao contexto nacional. Roque, nesse sentido, vai além do diagnóstico narrativo: ancora sua análise em dados quantitativos atualizados, demonstrando que, das 3.935 bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) aprovadas pelo CNPq em 2023, apenas 35,83% foram destinadas a mulheres; e que, no nível máximo da hierarquia (PQ-1A), a proporção cai para 28,29% de mulheres contra 71,71% de homens. Mais do que evidenciar a desigualdade, esses dados revelam sua persistência ao longo do tempo, uma vez que a distribuição observada em 2023 é praticamente idêntica à de 2013, o que demonstra que uma década de políticas de fomento foi insuficiente para alterar estruturalmente o quadro de desigualdade, ainda que mais mulheres estejam presentes nos cursos de pós-graduação.

A robustez empírica deste capítulo, sustentada por gráficos, pelo estudo do BID (2022), que identificou uma desvantagem de 3,7 pontos percentuais na probabilidade de aprovação de bolsas PQ para mulheres com o mesmo perfil que os homens, e pelas análises do Parent in Science, aproxima a obra do que Caroline Criado-Perez realizou, no âmbito anglófono, em *Invisible Women: Data Bias in a World Designed for Men* (CRIADO-PEREZ, 2019). Ambas partem do pressuposto de que a invisibilização das mulheres nos sistemas de ciência não é acidental, mas estrutural, e que somente a evidência quantitativa sistemática tem o poder de torná-la irrefutável. A diferença fundamental é que *Mulheres na Ciência* oferece, além do diagnóstico, políticas e recomendações institucionais concretas, uma dimensão ausente na obra de Criado-Perez, centrada predominantemente na denúncia. A análise do "Efeito Matilda", cunhado pela

historiadora Margaret Rossiter para descrever o processo sistemático de invisibilização das contribuições científicas de mulheres, é particularmente feliz por demonstrar como conceitos clássicos dos estudos de gênero permanecem plenamente aplicáveis ao sistema científico brasileiro contemporâneo. Ao relacionar esse conceito às evidências provenientes das bolsas de produtividade do CNPq, o capítulo estabelece um diálogo consistente entre teoria e realidade, fortalecendo significativamente sua capacidade explicativa.

O terceiro capítulo, assinado por Fátima Smith Erthal, Leticia de Oliveira e Karin da Costa Calaza, é a contribuição mais propriamente científica do volume ao abordar os mecanismos cognitivos e sociais que sustentam a persistência das desigualdades de gênero e raça na ciência. Com aparato bibliométrico sólido, incluindo referências a estudos publicados nos renomados periódicos como *Nature*, *Science*, *Cell* e *Proceedings of the National Academy of Sciences* (PNAS), as autoras discutem o conceito de "viés implícito" a partir do "Project Implicit", fundado em 1998 pelos pesquisadores *Greenwald*, Banaji e Nosek e do Teste de Associação Implícita (IAT) (PROJECT IMPLICIT, s.d.; GREENWALD, et. al 1998), demonstrando como estereótipos de gênero e raça são ativados automaticamente, inclusive por avaliadores que defendem a igualdade de gêneros e se consideram imparciais. A discussão do experimento de Bian et al. (2017), que demonstra que meninas de seis anos já associam o brilhantismo intelectual ao gênero masculino, é particularmente impactante, pois revela que os vieses que limitam as carreiras das mulheres na ciência têm origem muito anterior à vida acadêmica. Este resultado ressoa com a obra de Eileen Pollack, *The Only Woman in the Room: Why Science Is Still a Boys' Club* (POLLACK, 2015), na qual a autora, primeira mulher a se graduar em física na Universidade de Yale, documenta como o desestímulo sistemático a meninas nas ciências exatas opera de forma difusa nos ambientes escolar e familiar. Os dois apêndices ao final do volume, que traduzem as conclusões deste capítulo em recomendações operacionais para editais de financiamento e processos seletivos, representam uma contribuição metodológica de alto valor para gestores e comissões de avaliação. Dessa forma, o capítulo ultrapassa a dimensão exclusivamente diagnóstica e oferece instrumentos concretos para a implementação de práticas mais equitativas nas instituições de pesquisa.

O quarto capítulo, dedicado às mulheres negras na ciência, é um dos seus pontos de maior originalidade e relevância social. Ancorado no conceito de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (2002) e em dados coletados especificamente para esta publicação sobre a distribuição docente dos 63 programas de pós-graduação da UERJ, que revelam que, entre 810 mulheres docentes, apenas 85 (10,5%) são negras, o capítulo demonstra que a discussão de

equidade de gênero, sem o recorte racial, reproduz uma universalização parcial que invisibiliza as trajetórias mais precárias. A constatação de que, no nível PQ-1A do CNPq, não havia bolsistas mulheres pretas ou indígenas em 2023 é uma das mais eloquentes e urgentes do livro. Mais do que um dado estatístico, esse resultado evidencia a necessidade de políticas públicas que incorporem explicitamente a dimensão racial na formulação de estratégias voltadas à promoção da equidade na ciência. Este capítulo dialoga diretamente com a tradição dos *feminist science studies* do Sul Global sistematizada por Sandra Harding em *Sciences from Below: Feminisms, Postcolonialities, and Modernities* (HARDING, 2008), ao defender que a produção do conhecimento científico deve considerar as diferentes posições sociais ocupadas pelos sujeitos que o produzem. Contudo, enquanto Harding desenvolve uma reflexão predominantemente epistemológica, o capítulo amplia essa discussão ao incorporar evidências empíricas provenientes do contexto brasileiro, aproximando o debate teórico da realidade institucional nacional. A apresentação dos projetos de extensão "Mulheres negras fazendo ciência" e "As incríveis cientistas negras", desenvolvidos no CEFET-RJ e na UFRJ, representa um aspecto particularmente relevante do capítulo, pois demonstra que o enfrentamento das desigualdades raciais não depende exclusivamente de mudanças estruturais em agências de fomento ou universidades, mas também de iniciativas de divulgação científica, educação e formação capazes de ampliar a representatividade desde os níveis iniciais da trajetória acadêmica. Essa articulação entre diagnóstico e exemplos concretos de intervenção reforça o caráter propositivo da obra e amplia seu potencial de impacto social.

O quinto capítulo, sobre maternidade na academia, assinado por Fernanda Staniscuaski, fundadora do movimento *Parent in Science*, e Gisele Camilo da Mata, sustenta, constitui uma das análises mais abrangentes da obra sobre os fatores estruturais que limitam a permanência e a progressão das mulheres na carreira científica. Sustentado com um impressionante conjunto de referências nacionais e internacionais, o capítulo mostra que a "penalidade da maternidade" é um dos principais fatores na sub-representação feminina nas posições de topo da carreira acadêmica. O fato de mães acadêmicas dedicarem, em média, 8,5 horas semanais a mais do que os pais em tarefas domésticas e parentais, comprometendo diretamente seu tempo de pesquisa, é emblematicamente revelador das assimetrias que persistem nos espaços ditos meritocráticos. A análise do impacto da pandemia de Covid-19, que agravou esses desafios de forma mais severa para mães e mulheres negras, está rigorosamente fundamentada em estudos publicados em periódicos de alto impacto. Essa discussão amplia o alcance do capítulo ao demonstrar que fatores externos ao ambiente universitário também influenciam significativamente as

trajetórias acadêmicas femininas. O capítulo avança ao discutir a pluralidade das experiências maternas, incluindo mães negras, LGBTQIA+ e mães de crianças com deficiência, evitando tratar a maternidade como uma experiência homogênea e universal, ainda que reconheça, com honestidade intelectual, que a literatura sobre essas interseções específicas permanece escassa. Um dos principais méritos do capítulo reside em questionar a ideia de meritocracia como princípio neutro da avaliação científica. Ao demonstrar que a produtividade acadêmica é influenciada por condições sociais desiguais, as autoras evidenciam que critérios aparentemente objetivos podem reproduzir desigualdades estruturais quando desconsideram as diferentes condições de produção científica entre homens e mulheres. Assim, o capítulo ultrapassa a discussão sobre maternidade em sentido estrito e contribui para um debate mais amplo acerca da necessidade de revisão dos modelos de avaliação adotados pelas universidades e agências de fomento, reforçando o caráter propositivo que permeia toda a obra.

O sexto capítulo, de autoria de Thereza Cristina de Lacerda Paiva (UFRJ), dedica-se à participação das mulheres nas áreas de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) e encerra a obra ao discutir um dos contextos em que as desigualdades de gênero se manifestam de forma mais evidente. A autora demonstra que a baixa representatividade feminina nessas áreas decorre de fatores históricos, culturais e institucionais, refutando explicações baseadas em diferenças inatas de aptidão. Paiva assume um tom mais narrativo e pessoal ao relatar os dez anos de história do projeto "Tem menina no circuito", que, em 2022, recebeu o *Nature Award for Inspiring Women in Science*, na categoria de Divulgação Científica. A opção por uma narrativa em primeira pessoa, com casos específicos de meninas beneficiadas pelo projeto, é ao mesmo tempo uma escolha estilística corajosa e um argumento implícito: os dados quantitativos são necessários, mas insuficientes, a transformação da cultura científica exige pessoas dispostas a investir anos de trabalho concreto com comunidades reais. A reflexão da autora sobre como sua própria progressão na carreira coexistiu com o tempo dedicado ao projeto é, ela mesma, uma demonstração prática da tese do livro. Esse capítulo reforça que a redução das desigualdades depende de ações integradas que envolvam educação, mudanças institucionais e políticas públicas. Dessa forma, encerra-se a obra de maneira coerente com sua proposta central, evidenciando que a promoção da equidade na ciência exige transformações estruturais em diferentes níveis do sistema científico.

Do ponto de vista das limitações, devem ser registradas aquelas que as próprias organizadoras anunciam honestamente na Apresentação: o volume ainda não contempla discussões sobre assédio no ambiente acadêmico, experiências de pessoas LGBTQIAPN+ na

ciência, nem sobre a interseção com identidades indígenas ou com a deficiência. São limites declarados, não silêncios involuntários, e a previsão de uma chamada aberta para novos capítulos que ampliem o escopo da obra é sinal da consciência crítica com que o projeto foi concebido. Além disso, a variação estilística entre capítulos, alguns marcadamente acadêmicos, com amplo aparato de notas e referências, outros mais narrativos e ensaísticos, pode produzir alguma descontinuidade na leitura linear. Essa pluralidade, contudo, pode igualmente ser lida como virtude: ela reflete a composição interdisciplinar do grupo de autoras e sustenta a proposta do livro de funcionar como um "livro-movimento", aberto e em construção coletiva.

## CONCLUSÃO

“Mulheres na Ciência: O que mudou e o que ainda precisamos mudar” é uma obra que cumpre, com rigor e amplitude, o que se propõe a fazer. Seu mérito principal reside na capacidade de articular, num único volume acessível e bem fundamentado, três dimensões que frequentemente aparecem separadas na literatura especializada: o diagnóstico empírico das desigualdades, a análise dos mecanismos que as produzem e as reproduzem, e a proposição de intervenções concretas para superá-las. Esta tríplice articulação (diagnóstico, análise e proposta) aproxima o livro das obras mais influentes do campo em nível internacional, como as já referidas *Invisible Women* e *Inferior*, ao mesmo tempo em que o singulariza pelo enraizamento na especificidade do contexto da ciência brasileira e pela voz coletiva de pesquisadoras que são, simultaneamente, estudiosas do problema e sujeitas afetadas por ele.

Conforme reconhecido pelas próprias organizadoras, a obra não pretende esgotar o debate, mas inaugurá-lo ou ampliá-lo em novas direções, incorporando temas ainda pouco explorados, como o assédio no ambiente acadêmico, a deficiência e outras interseccionalidades. Essa característica reforça seu caráter de "livro-movimento", concebido como um projeto em permanente construção e aberto à incorporação de novas contribuições.

A obra é recomendada, de modo especial, a pesquisadores, gestores universitários, membros de comitês de avaliação, formuladores de políticas públicas de ciência e tecnologia e a toda a comunidade acadêmica brasileira interessada na construção de uma ciência mais justa, diversa e sistemicamente robusta. A disponibilidade do livro em formato gratuito, amplia ainda mais o alcance potencial de uma publicação que merece figurar como leitura obrigatória nos programas de pós-graduação e nas comissões de equidade das universidades e institutos de pesquisa do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BID. **Diferenças de gênero no financiamento acadêmico: evidências do Brasil**. Org. PEREDA, P. et al. Mar. 2022. Disponível em <https://publications.iadb.org/pt/diferencas-de-genero-no-financiamento-academico-evidencias-do-brasil> Acesso em: 12 ago. 2026.
- CRENSHAW, K. **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. Estudos Feministas, 2002. Ano 10, n° 1, pp. 171-188.
- CRiado-Perez, Caroline. **Invisible Women: Data Bias in a World Designed for Men**. New York: Abrams Press, 2019.
- GREENWALD, Anthony G.; MCGHEE, Debbie E.; SCHWARTZ, Jordan K. L. **Measuring individual differences in implicit cognition: The implicit association test**. *Journal of Personality and Social Psychology*, [s. l.], v. 74, n. 6, p. 1464-1480, 1998.
- HARDING, Sandra. **Sciences from Below: Feminisms, Postcolonialities, and Modernities**. Durham, NC: Duke University Press, 2008.
- LIMA, Betina Stefanello. **Gênero na ciência brasileira: uma discussão das políticas públicas recentes**. *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 9, n. 18, p. 60-69, 2013.
- OLIVEIRA, Leticia de; ROQUE, Tatiana (Org.). **Mulheres na Ciência: O que mudou e o que ainda precisamos mudar**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2024. 181 p. ISBN: 978-85-9500-109-1.
- POLLACK, Eileen. **The Only Woman in the Room: Why Science Is Still a Boys' Club**. Boston: Beacon Press, 2015.
- PROJECT IMPLICIT. **About Us**. [S. l.]: Project Implicit, [s. d.]. Disponível em: <<https://implicit.harvard.edu/implicit/>>. Acesso em: 12 ago. 2026.
- RISTOFF, Dilvo. **O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação**. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 723-747. 2014.
- SAINI, Angela. **Inferior: How Science Got Women Wrong and the New Research That's Rewriting the Story**. London: Fourth Estate, 2017.
- SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.